



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS URUÇUÍ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

JÉSSICA ROCHA MESSIAS

**CAÇA ILEGAL DE ANIMAIS SILVESTRES NO CERRADO PIAUIENSE SOB A
PESPECTIVA DE ALUNOS DO EJA NO MUNICÍPIO DE URUÇUÍ-PI**

URUÇUÍ

2022

JÉSSICA ROCHA MESSIAS

CAÇA ILEGAL DE ANIMAIS SILVESTRES NO CERRADO PIAUIENSE SOB A
PERSPECTIVA DE ALUNOS DO EJA NO MUNICÍPIO DE URUÇUÍ-PI

Trabalho de Conclusão de Curso
(artigo científico) apresentado como exigência
parcial para obtenção do diploma do Curso de
Ciências Biológicas do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí,
Campus Uruçuí.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ragner
Silva de Freitas.

URUÇUÍ

2022

CAÇA ILEGAL DE ANIMAIS SILVESTRES NO CERRADO PIAUIENSE SOB A PERSPECTIVA DE ALUNOS DO EJA NO MUNICÍPIO DE URUÇUÍ-PI

ILLEGAL WILD ANIMALS HUNTING IN THE CERRADO PIAUIENSE FROM THE PERSPECTIVE OF EJA STUDENTS IN THE MUNICIPALITY OF URUÇUÍ-PI

Jéssica Rocha Messias¹
Paulo Ragner Silva de Freitas²

RESUMO

O Brasil dispõe de uma biodiversidade que muitas vezes é prejudicada por ações exercidas pelo homem, e a caça de animais silvestres é uma delas. Essa atividade sempre esteve presente na cultura dos povos do campo e ainda permanece no cotidiano de diversas comunidades gerando conflitos socioambientais. O objetivo desse trabalho foi analisar a percepção de estudantes da Educação para Jovens e Adultos (EJA) no município de Uruçuí, situado no cerrado Piauiense, acerca da caça da fauna silvestre na região. Para avaliar o conhecimento dos alunos, foi utilizado questionários como instrumentos de mediação e as respostas obtiveram resultados que apresentaram uma quantia significativa de pessoas habituadas com a prática da caça e a existência de mais de um perfil de caça relacionado, principalmente à alimentação. O estudo demonstrou 27 espécies de animais citados pelos alunos, onde os mamíferos aparecem como os mais caçados na região, além de apresentar também a origem das técnicas de caça. A carência da Educação Ambiental pelos alunos é evidente na pesquisa, e a necessidade de se trabalhar componentes curriculares que abordem essa questão na sala de aula se mostra imprescindível.

Palavras-chave: caça predatória; fauna silvestre; captura de animais.

ABSTRACT

Brazil has a biodiversity that is often harmed by human actions, and the hunting of wild animals is one of them. This activity has always been present in the culture of rural people and still remains in the daily lives of several communities, generating socio-environmental conflicts. The objective of this work was to analyze the perception of students of Education for Youth and Adults (EJA) in the municipality of Uruçuí, located in the Cerrado Piauiense, about hunting wild fauna in the region. To assess the students' knowledge, questionnaires were used as mediation instruments and the answers obtained results that showed a significant amount of people used to hunting and the existence of more than one hunting profile related, mainly to food. The study showed 27 species of animals mentioned by the students, where mammals appear as the most hunted in the region, as well as presenting the origin of hunting techniques. The lack of Environmental Education by students is evident in the

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Piauí, Uruçuí – PI. jessicarmessias@gmail.com

² Docente do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Piauí, Uruçuí - PI. paulo.ragnersf@gmail.com

research, and the need to work on curricular components that address this issue in the classroom is essential.

Keywords: predatory hunting; wild fauna; animal capture.

Data de aprovação: 14/07/2022

1. INTRODUÇÃO

Conforme Magnusson *et al.*, (2016), o Brasil é a nação com maior biodiversidade e por isso, dispõe de uma grande responsabilidade com relação à sua conservação. Para Mendes (2020) essa diversidade biológica pode estar sob ameaça, pois há inúmeras ações exercidas pelo homem que modificam e prejudicam o meio, e uma delas é a caça ilegal que ainda segundo o mesmo autor, é tida como uma das principais responsáveis pela redução e extinção das populações de animais silvestres.

Animais silvestres são aqueles que nascem, cresce e se reproduzem sem depender da assistência de humanos, não são domesticados e possuem seu habitat na natureza e podem apresentar comportamentos não esperados diante de humanos, pois não estão habituados com a presença de pessoas (FERREIRA, 2020).

A caça por esses animais é um hábito que sempre esteve presente na cultura dos povos do campo e ainda permanece no cotidiano de diversas comunidades, gerando conflitos socioambientais (SANTOS *et al.*, 2015). E o Nordeste do Brasil merece um destaque por ser a região mais afetada pela caça no país, trazendo preocupações com a acelerada diminuição de espécies animais (FERNANDES-FERREIRA, 2014).

Para evitar a diminuição das populações da fauna ou a extinção dessas é essencial colocar em prática ações de conservação das comunidades biológicas, como por exemplo, a restauração de comunidades biológicas em habitats degradados (GUEDES, 2017).

Diante deste cenário, se faz necessária a inserção da Educação Ambiental, a fim de minimizar as condutas que trazem destruição ao meio ambiente e fazer cumprir a lei ou revogar as falhas que são capazes de degradar a fauna. Nesta circunstância, a Educação Ambiental acaba servindo como mediadora desse caminho, no processo de construção de consciência crítica (ISLAS; BEHLING, 2016).

Seguindo esse fluxo de pensamento, pode-se pensar em diversas alternativas para a criação de experiências que proporcionem o fortalecimento da educação com o meio ambiente (ERNST *et al.*, 2020). Assim, é importante que se implante uma educação ambiental que leve ao aumento da consciência da coletividade de maneira que essa educação possa construir valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes, competências e ações responsáveis direcionadas para a preservação do meio ambiente (MAMÉDIO; PUGAS; MENDEZ, 2019).

A biodiversidade deve ter sempre destaque na formação de cidadãos conscientes, desde os anos iniciais de escolaridade até à vida acadêmica. A escola pode executar um papel essencial na construção de indivíduos ecologicamente correto, tendo em vista a preservação dos recursos naturais e das espécies que são cruciais para as gerações futuras (GONÇALVES; REGALADO, 2007).

Dessa forma, o objetivo geral do presente trabalho, foi avaliar os conhecimentos e a percepção de estudantes quanto à caça de animais silvestres no município de Uruçuí-PI. Nesse contexto, os seguintes objetivos específicos foram elencados: (1) averiguar se os alunos acompanham ou praticam alguma atividade de caça; (2) avaliar os aspectos culturais que contribuem para a disseminação dessa

atividade, visto que, é comum que esse tipo de conhecimento seja transmitido pelos seus familiares para os jovens;(3) identificar os animais que são mais procurados pela população; (4) analisar a percepção dos entrevistados quanto aos possíveis impactos que a prática da caça pode trazer para o declínio populacional dos animais caçados; (5) investigar os motivos que levam a população da região a caçar.

O desenvolvimento de uma pesquisa com ênfase em avaliar a percepção dos estudantes sobre a caça é importante para investigar como e com qual frequência vem ocorrendo práticas de caça ilegal de animais silvestres nessa região. Os resultados obtidos com o presente estudo poderão servir de base para o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, enfatizando as problemáticas ambientais relacionadas com os comportamentos de caça. Uma vez que, ao se trabalhar essa temática nas escolas, os alunos serão capazes de desenvolver sua consciência ambiental e levar adiante os aspectos de conservação da fauna silvestre do município. Essas informações também poderão ser utilizadas pelos órgãos públicos ambientais para desenvolvimento de ações voltadas para a conservação e manejo das espécies utilizadas na caça.

2. METODOLOGIA

Esse estudo foi realizado utilizando métodos qualitativos e quantitativos com alunos de três escolas estaduais do município de Uruçuí-PI. A escolha das escolas se deu devido à necessidade de ter um contato direto com os alunos e somente estas estavam com aulas presenciais. Os participantes da pesquisa eram alunos da modalidade de ensino para jovens e adultos (EJA), e todos eram maior de idade. O motivo da pesquisa com alunos desta modalidade, foi pelo fato do público adulto testemunhar e/ou executar a prática de caça ilegal com mais frequência (Observação Pessoal).

Primeiramente foi esclarecido à direção da escola e aos alunos o objetivo e a importância da pesquisa, uma vez que o tema poderia causar receio devido ser considerado ilegal desde 1967, pela Lei de Proteção à Fauna (Lei 5.197). Após ter o consentimento de iniciar a pesquisa naquele local, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado pelos alunos para a realização da pesquisa.

Para avaliar a percepção dos estudantes em relação à caça na sua região, utilizou-se a técnica *survey*, que é uma metodologia que visa descobrir variáveis qualitativas e quantitativas que estão dentro de uma população baseando-se em uma amostra, e para isso são utilizados questionários como instrumento de mediação (HOSS; CATEN, 2010). A pesquisa de campo tem como objetivo coletar informações que possibilitam entender as problemáticas associadas a grupos, comunidades ou instituições, e assim seja possível perceber os diversos aspectos de uma certa realidade mediante técnicas observacionais e aplicando questionários para a coleta de dados (FONTENELLES, 2009).

Os dados foram coletados entre os meses de maio e junho de 2022 e os questionários eram anônimos, contendo somente a idade e a identidade de gênero do participante.

O questionário continha 7 questões, onde 4 eram subjetivas e 3 objetivas. As questões objetivas eram relacionadas a prática da caça pelos alunos, à finalidade desta prática na região e à forma de adquirir as técnicas para caçar, uma vez que é comumente passado as estratégias pelos próprios familiares. Um trabalho realizado por Figueiredo e Barros, 2015 demonstraram que o início das atividades de caça

acontece, na maioria das vezes, acompanhadas de familiares como os pais e irmãos mais velhos, assim esses jovens ou até mesmo ainda criança passam a adquirir conhecimentos quanto às diferentes estratégias e técnicas utilizadas, acumulando experiência pessoal.

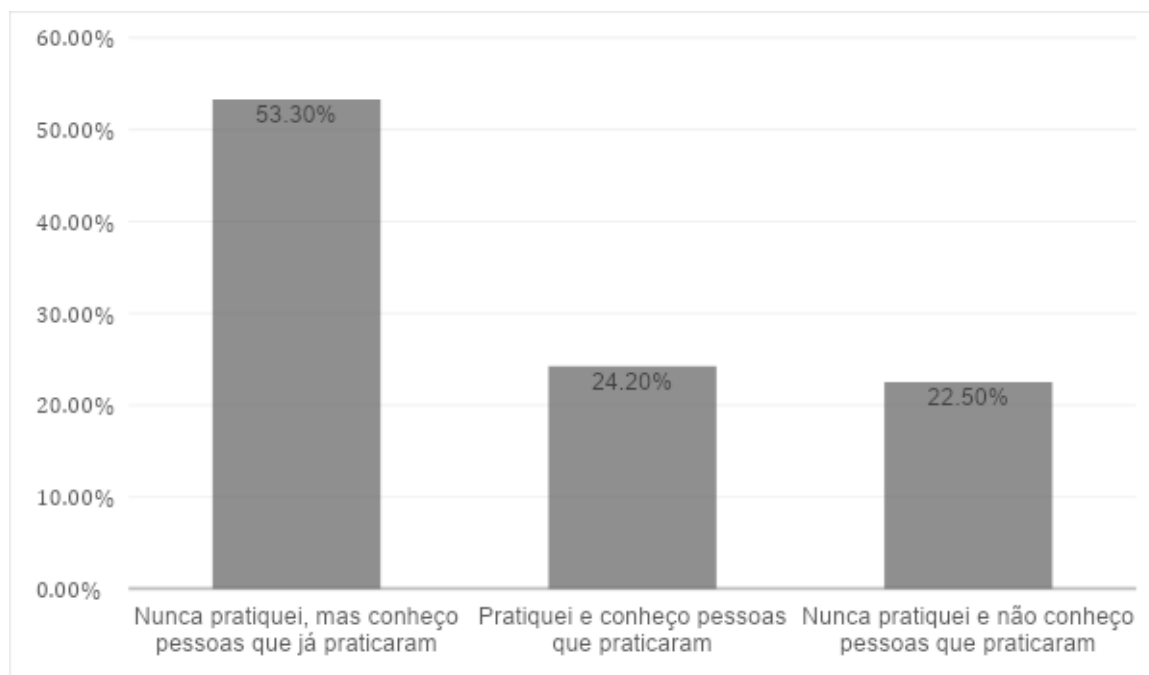
As questões subjetivas tratavam a respeito dos animais mais frequentemente caçados na região, sobre a opinião do aluno em relação aos prejuízos trazidos para a natureza com tal prática, sobre os riscos para a saúde e a respeito de estratégias que podem ser utilizadas para decrescer os números de caça ilegal de animais silvestres na região.

Na parte seguinte do projeto, foi averiguado o que os alunos responderam e os dados foram tabulados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve a participação total de 62 alunos do EJA e os resultados das análises dos questionários demonstraram uma quantia significativa de pessoas habituadas com a prática da caça de animais silvestres em seu cotidiano. A primeira pergunta questionava se o aluno já teria praticado a caça ou conhecia alguém que já praticou, e as respostas obtidas demonstram que 24,20% (n=15) dos entrevistados praticaram a caça e conhecem pessoas que também já executaram a prática; enquanto 53,30% (n=33) relataram que nunca praticaram, mas conhecem pessoas que já praticaram a caça (ver figura 1).

Figura 1. Porcentagem das respostas dos voluntários quando questionados sobre a prática da caça de animais silvestres no município de Uruçuí-PI.



Fonte: própria autora (2022).

Diante dessas respostas, é possível notar que a caça está presente no cotidiano dos entrevistados. Um trabalho realizado por Oliveira (2019) em uma área do semiárido no Nordeste do Brasil, demonstra a prática da caça como algo constante

pelos habitantes, que caçam uma significativa variedade de espécies por várias razões, mas principalmente para fins alimentares.

Para Santos (2017), as motivações para a realização dessa prática no Nordeste são complexas e muitas vezes intrigantes, pois apesar de inúmeros estudos relacionarem tal ação à alimentação. Souto (2014) enfatiza que os habitantes dessa região estão incluídos em um cenário social melhor comparado à décadas atrás e existem sinais que indicam que a caça no Nordeste está se distanciando do cenário voltado para o sustento e começando a demonstrar traços de prática comercial e/ou esportiva.

Em relação à finalidade da prática da caça em Uruçuí-PI, os alunos apresentaram possíveis razões para justificar tal ação na região. Visto que as motivações que levam a realização da caça da fauna silvestre podem ser influenciadas por um conjunto de motivos e circunstâncias que podem variar de local para local (LINDSEY *et al.*, 2015)

Os dados demonstrados pelos alunos evidenciaram que a caça para fins alimentícios é a justificativa mais comum, na região estudada, para a população realizar a prática de caçar animais silvestres. Um total de 3,3% (n=2) das respostas condiziam a outra motivação não presente na questão, onde estavam relacionadas a domesticação do animal silvestre e os voluntários exemplificaram os animais domesticado:

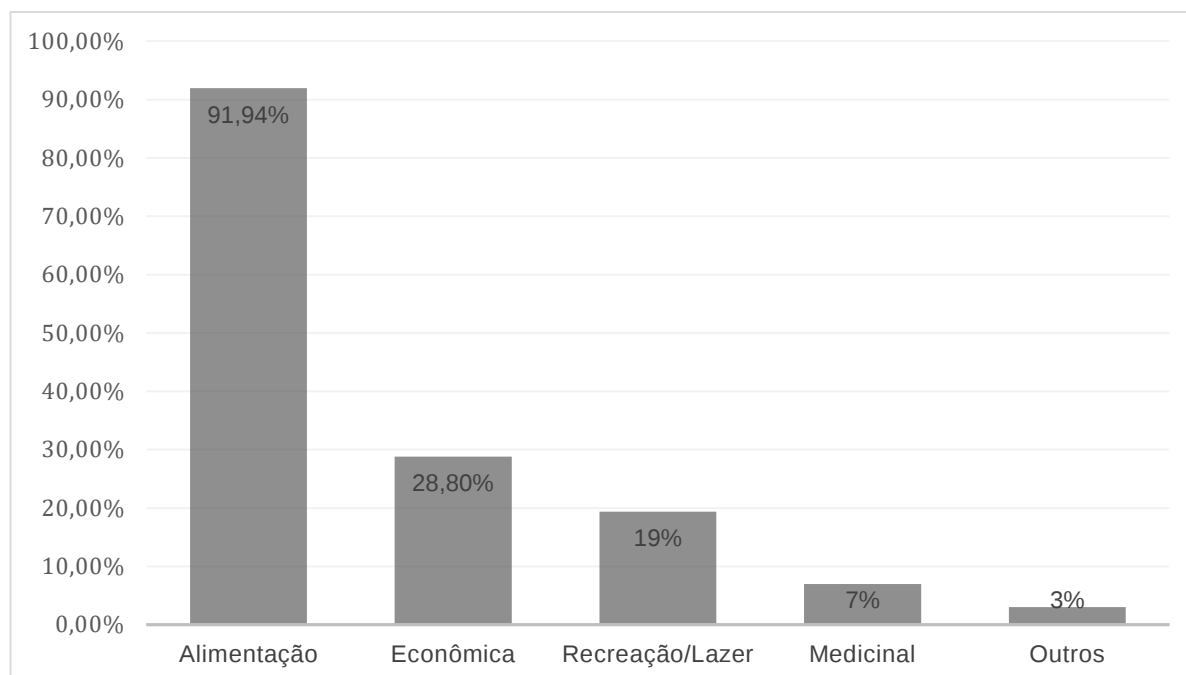
Voluntário 1: *"criação de jabuti e de passarinhos"*

Voluntário 2: *"para cuidar deles em casa como os pássaros"*

Ambas as respostas tinham como exemplo a domesticação de aves, que dentre as espécies mais interessadas pelo tráfico, ganham destaque pelo comportamento, vocalização e pela coloração da plumagem (BATISTA, 2010). Além de apresentarem comportamento calmo e terem um manejo descomplicado, sendo assim, mais sujeitas à domesticação (MENDES, 2018).

Perante os resultados da questão, pode-se relatar que existe mais de um perfil de caça na região relacionados principalmente à alimentação, mas também a caça comercial, para lazer e para utilização como recurso para fins medicinais (ver figura 2).

Figura 2. Classificação das respostas dos alunos quanto a finalidade da caça no município de Uruçuí-PI.



Fonte: própria autora (2022).

Um estudo publicado por Cajaíba (2015) realizado com moradores de assentamentos rurais no Pará, justifica que o consumo de carne silvestre para fins alimentícios ainda é um recurso utilizado com frequência. Mas nem sempre a caça de animais silvestres é relacionada a subsistência, pois diversas famílias mesmo tendo acesso a carne de animais de criação domésticas, como os suínos e bovinos, utilizam a carne de caça como uma especiaria, onde o consumo é motivado pela apreciação do sabor (PESSOA *et al.*, 2014).

No município estudado o uso da carne de animais silvestres para venda também entra nesse cenário como sendo uma motivação para a população realizar a caça, como visto o resultado da questão na Figura 2. Esse resultado se assemelha com o de Mendes (2020) que em seu trabalho desenvolvido em algumas cidades da Amazônia, constatou a comercialização da carne como um forte indício para a realização da prática de caça pela população.

Dos questionários, 19,40% (n=12) tinham a categoria “lazer” especificada pelos alunos, a qual diz respeito a caçadores que realizam a prática como um *hobby*. Uma pesquisa desenvolvida em uma área de conservação biológica, por Sampaio (2011) testemunha relato de caçadores que afirmam realizar a caça como um entretenimento viciante e que têm o abate do animal como um prêmio a ser exibido para outros companheiros, além de exibirem também suas habilidades durante as caçadas.

Outra motivação identificada como responsável pela caça na região, foi o uso da fauna para fins medicinais. Esse ato representa uma realidade comum e tradicional da região Nordeste, onde possui um elevado número de animais utilizados para essa finalidade e que são associados a plantas medicinais durante o uso (ALVES, 2009).

Isso traz preocupações tanto acerca da retirada dos animais da natureza, quanto ao armazenamento e as formas das vias de administração utilizadas pelas pessoas para usufruir dos elementos originados dos animais como uso medicinal. Nesse sentido, Souto (2011, p.205) comenta:

Ingredientes frequentemente usados na preparação de remédios tradicionais, tais como banhas, ossos, peles e couros, bile, cabeça e olhos, além de resultarem na morte de animais, também preocupam acerca das condições ideais de armazenamento e esta questão deve ser tratada em matéria de Saúde Pública.

Aos discentes, quando perguntado sobre os animais mais comumente caçados na região, as respostas demonstraram uma diversidade de mamíferos, aves e répteis, o que pode ser comparado com trabalhos de outras regiões do Brasil, como o de DE FIGUEIREDO (2016), que observou através de questionários e entrevistas uma quantia de mamíferos, aves e répteis sendo utilizados para fins alimentícios por caçadores de uma comunidade quilombola em uma região da Amazônia brasileira.

Dentre as respostas demonstradas pelos voluntários, os mamíferos apresentaram uma maior diversidade de espécies citadas (n=14), seguida por aves (n=8) e répteis (n=5). Uma trabalho realizado por Cajaíba (2015) na região do Pará, traz resultados semelhantes ao demonstrar citações de agricultores sobre animais comumente caçados por eles na região, tendo como maior riqueza taxonômica os mamíferos, seguido por aves e répteis.

Nesta pesquisa, foram registradas 27 espécies da fauna regional citadas pelos alunos, seus nomes populares foram apresentados como citados e distribuídos em 14 ordens (ver tabela 1).

Tabela 1 – Relação dos animais citados nos questionários com seus respectivos nomes locais, número de citações e o percentual do total de citações nos questionários por alunos em Uruçuí-PI.

Nome científico	Nome local	Citações	Porcentagem
MAMMALIA			
Cingulata			
<i>Dasyus novemcinctus</i>	“Tatu verdadeiro”	48	77,42%
<i>Euphractus sexcinctus</i>	“Péba”	20	32,25%
<i>Tolypeutes sp</i>	“Tatu-bola”	4	6,45%
<i>Cabassous sp.</i>	“Rabo de couro”	3	4,84%
Artiodáctilos			
<i>Mazama gouazoubira</i>	“Veado”	36	58,06%
Rodentia			
<i>Dasyprocta azarae</i>	“Cutia”	26	41,94%
<i>Agouti paca</i>	“Paca”	18	29,04%
<i>H. hydrochaeris</i>	“Capivara”	7	11,30%
<i>Galea spixii</i>	“Preá”	3	4,48%
Artiodactyla			
<i>Tayassu tajacu</i>	“Caititú”	8	12,90%
Carnivora			
<i>Felis concolor</i>	“Onça”	4	6,45%
<i>Cerdocyon thous</i>	“Raposa”	2	3,23%
Pilosa			
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	“Tamanduá”	3	4,84%
<i>Tamandua tetradactyla</i>	“Lapixó”	2	3,23%
AVES			

Rheiformes			
<i>Rhea americana</i>	“Ema”	8	12,90%
Cariamiformes			
<i>Cariama cristata</i>	“Sariema”	5	
Galliformes			
<i>Penelope sp.</i>	“Jacu”	4	6,45%
Tinamiformes			
<i>Crypturellus sp.</i>	“Lambu”	2	3,23%
<i>Rhynchotus rufescens</i>	“Perdiz”	1	1,61%
Gruiformes			
Espécie não identificada	“Galinha d’água”	1	1,61%
Columbiformes			
<i>Leptotila sp.</i>	“Juriti”	1	1,61%
<i>Columbina sp.</i>	“Rolinha”	1	1,61%
REPTILIA			
Crocodylia			
<i>Caiman sp.</i>	“Jacaré”	13	21%
Squamata			
<i>Tupinambis merianae</i>	“Teiú”	4	6,45%
Espécie não identificada	“Cobra”	2	3,23%
<i>Iguana iguana</i>	“Camaleão”	1	1,61%
<i>Crotalus durissus</i>	“Cascavel”	1	1,61%

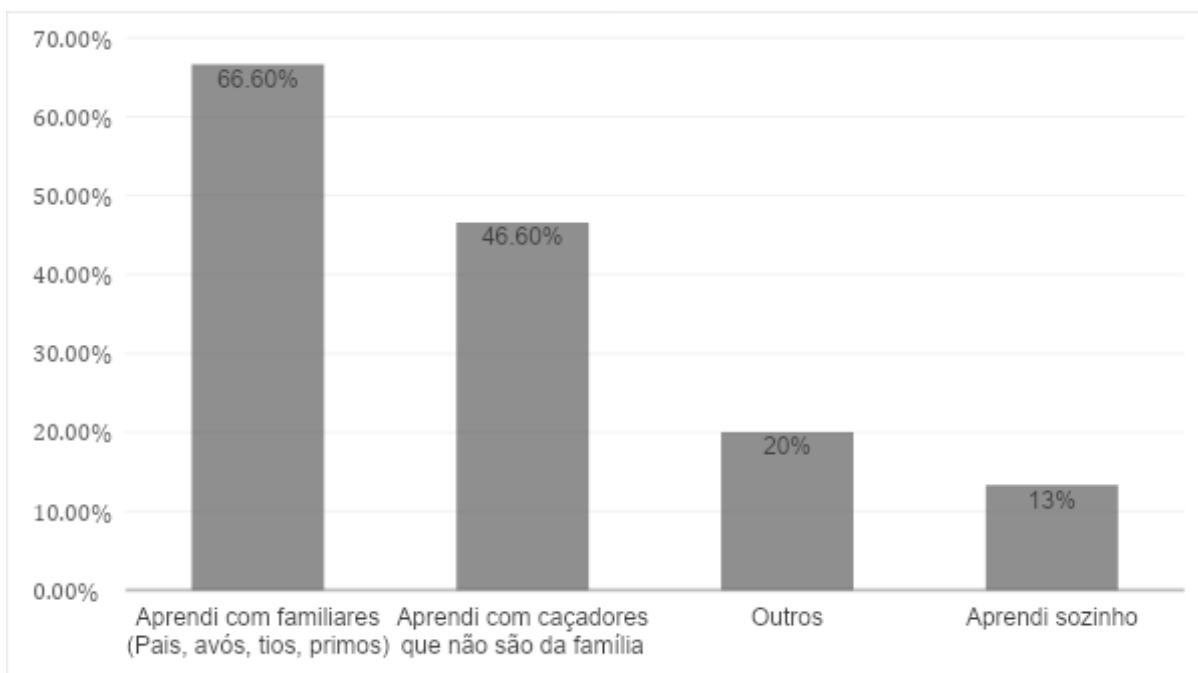
Fonte: própria autora (2022).

Aos alunos que afirmaram executar a caça, foi indagado as maneiras que essas técnicas eram aprendidas por eles, uma vez que é comum entre povos que praticam a caça, os jovens do sexo masculino acompanharem outros caçadores e aprenderem as estratégias, sendo muitas vezes, os seus familiares como os pais, tios e avós detentores das técnicas passadas para os jovens e crianças (DA COSTA OLIVEIRA, 2016).

A partir das respostas do questionário foi possível observar que a maioria 66,6% (n=10) afirmou ter aprendido as técnicas através de ensinamentos apresentados por membros familiares, enquanto 46,6% (n= 7) souberam as técnicas por instruções de caçadores mais experientes.

Como já apresentado aqui 24,20% (n=15) dos entrevistados já praticaram a caça, estes demonstraram que os métodos e estratégias utilizadas são instruídos, principalmente, pelo seu núcleo familiar constituído pelos pais, avós, tios e outros familiares (ver figura 3).

Figura 3. Respostas dos alunos quanto a origem das técnicas de caça de animais silvestres aprendido por eles.



Fonte: própria autora (2022).

Para Alves *et. al*, (2009) em uma pesquisa realizada no semiárido paraibano sobre estratégias de caça empregadas no município de Pocinhos, o hábito de caçar pode ser iniciado na infância no momento em que caçam pássaros para alimentação utilizando uma espécie de atiradeira chamada de "baladeira" ou capturando em armadilhas para criar como animal de estimação.

Quando questionados se a caça de animais silvestres traria prejuízos à natureza, a maior parte dos voluntários correspondendo a 54,85% (n=34) concordaram que sim e grande parte das respostas dos alunos estavam relacionadas a extinção dos animais, como pode ser visto na tabela 2:

Tabela 2: Respostas dos alunos em relação aos prejuízos que a caça proporciona à natureza, referente à extinção.

Pergunta do questionário	Em sua opinião, a caça de animais silvestres traz prejuízos a natureza? Por quê?
Respostas obtidas	<i>"Sim, bastante, pois alguns ficam em extinção por causa da caça"</i> <i>"Sim, pois por causa da caça tem muitos animais em extinção"</i> <i>"Traz prejuízos sim porque de tanto tirar o animal da natureza chega a hora de não ter mais nenhum"</i> <i>"Sim, porque acaba com os animais fazendo eles irem diminuindo sua raça cada vez mais até entrar em extinção"</i>

	<i>“Sim, porque os animais que estão morrendo, está diminuindo sua espécie e uma hora chega na extinção dessas espécies se continuar assim.”</i>
--	--

Fonte: própria autora (2022).

A extinção de espécies como resultado da caça têm apresentado preocupação devido a superexploração dos animais para diversos fins, tal influência associada a fatores ambientais encontra-se contribuindo com a extinção de diferentes espécies da fauna silvestre em regiões do semiárido pernambucano (DE LIMA, 2010). Este efeito é mais específico em animais que apresentam maior longevidade e taxas baixas de reprodução, pois são mais suscetíveis do que animais com menor longevidade, mas que possuem maior capacidade reprodutiva e gerações mais curtas (FERREIRA, 2012).

Na mesma questão, alguns alunos citaram a caça como um problema que pode interferir nas funções ecológicas exercidas pelos animais e consequentemente trazer prejuízos a natureza. Dentre as respostas, distinguiram as apresentadas da tabela 3.

Tabela 3: Respostas dos alunos em relação aos prejuízos que a caça proporciona à natureza, referente às funções ecológicas.

Pergunta do questionário	Em sua opinião, a caça de animais silvestres traz prejuízos a natureza? Por quê?
Respostas obtidas	<i>“Sim por que cada animal tem seu papel, ele não existe sem algum motivo e quando os caçadores tira esse animal da floresta ai prejudica a cadeia alimentar também”</i> <i>“Sim por que quando tira o animal da natureza as funções que eles faziam não são mais feitas e atrapalha a natureza”</i> <i>“Sim, porque os animais silvestres são responsáveis também de espalhar as sementes e nascer novas árvores”</i>

Fonte: própria autora (2022).

Levando em conta a percepção dos alunos sobre os prejuízos que a caça de animais silvestres ocasiona ao ecossistema, destacaram-se a extinção de animais e as problemáticas com a retirada desse animal da natureza devido a interferência das funções ecológicas realizadas por eles. Pereira (2017) obteve resultados similares ao entrevistar alunos do ensino fundamental e médio sobre as consequências que a caça poderia causar ao meio ambiente e obteve respostas relacionadas, principalmente à extinção e ao desequilíbrio do ecossistema pela perda desses animais e consequentemente, de suas funções na natureza.

Apesar de grande parte dos alunos serem conscientes de alguns prejuízos trazidos pela caça, 25,80% (n= 16) não souberam responder e outros 19,35% (n=12)

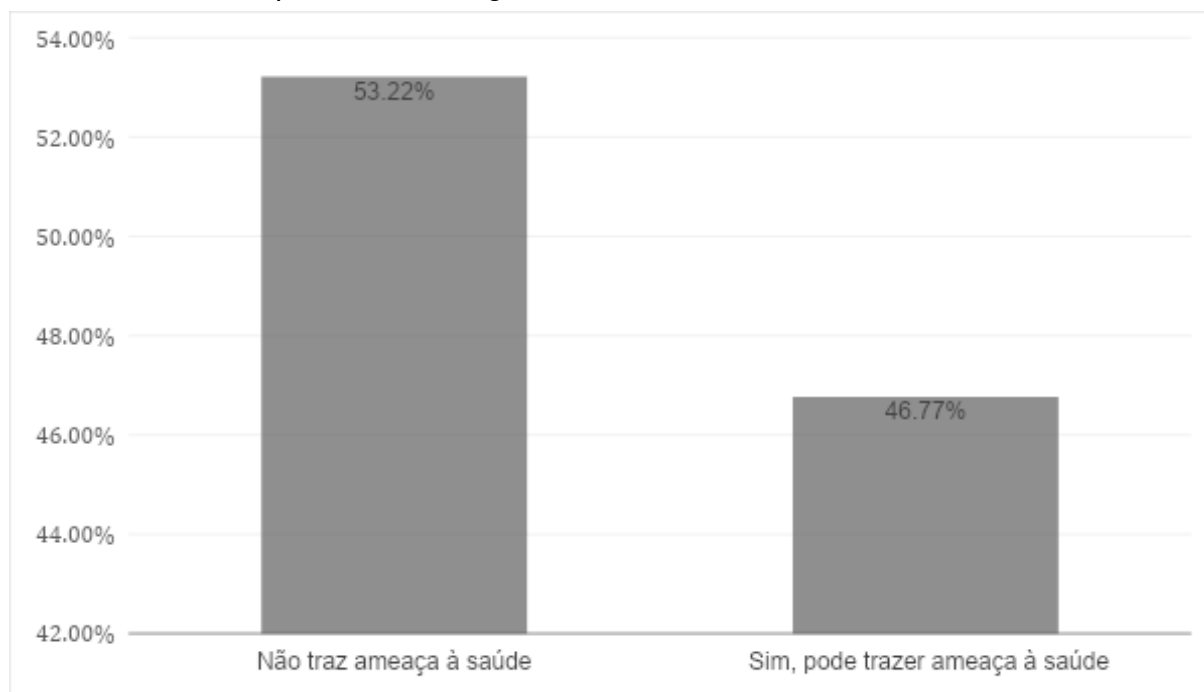
acreditam que a caça não traz prejuízo à natureza. Isso demonstra que os alunos não têm conhecimento dos impactos causados pela caça da fauna silvestres ao meio ambiente.

É visível, portanto, a carência da educação ambiental no cotidiano desses alunos e a necessidade de se trabalhar componentes curriculares que abordem essa questão na sala de aula, a qual é uma pedagogia da ação que não se define em apenas conduzir conceitos sobre o meio ambiente, mas que tem um propósito de incentivar a mudança de comportamento do indivíduo, proporcionando hábitos ambientais conscientes (PALMA, 2005).

Por mais que a educação não consiga impor uma mudança social, ela desempenha uma tarefa importante, influenciando e acelerando os processos de evolução do comportamento social com a demonstração das causas dos problemas e suas possíveis soluções (BRANCO, 2014).

Os animais silvestres se mostram como potenciais carregadores de patógenos e que podem dar origem a infecções tanto para o ambiente, como para humanos e outros animais (MORAES, 2019). À vista disso, foi questionado aos alunos se a ingestão da carne de animais silvestres poderia trazer algum risco à saúde e as resposta demonstraram um posicionamento dividido entre os alunos, pois 53,22% (n=33) acreditavam que a ingestão da carne de animais silvestres não traria alguma ameaça e 46,77% (n=29) responderam que o consumo poderia trazer ameaça à saúde (ver figura 4).

Figura 4. Classificação das respostas dos alunos quando perguntado se a ingestão da carne de animal silvestre poderia trazer algum risco à saúde.



Fonte: própria autora (2022).

Como mostrado pelos resultados da questão, uma quantidade considerável de alunos ainda não têm conhecimento acerca das zoonoses, isso pode ser comparado ao estudo de Fusetti (2015) que entrevistou pessoas que têm contato com animais silvestres em pontos turísticos em Minas Gerais e constatou que 43,2% dos

entrevistados não demonstraram conhecimento da possibilidade de transmissão de doenças de animais para humanos.

Houve uma resposta de um estudante que acredita que animais não têm capacidade de transmitir doenças e que ainda afirmou que eles podem ser utilizados para fins medicinais, conforme seu relato:

Voluntário 3: *não porque muitos deles servem é para remédios*

A percepção dos estudantes é preocupante, uma vez que não possuem conhecimento acerca de assuntos relacionados a zoonose, então à medida que as pessoas têm mais contato com os animais silvestres, aumenta a probabilidade de transmissão de doenças (CANDELORO, 2021).

A última pergunta do questionário investigou sobre o que poderia ser feito para ajudar a diminuir a caça na região estudada e as argumentações contestaram que a maior parte dos alunos acreditam, principalmente, no auxílio da Educação Ambiental e nas denúncias para órgãos de fiscalização, como mencionado pelos estudantes:

Tabela 4: Justificativa apresentada pelos alunos de ações que podem contribuir com o declínio da caça na região estudada.

Pergunta do questionário	De que maneira as pessoas podem ajudar a diminuir a caça de animais silvestres em Uruçuí?
Respostas obtidas	<i>“Fazendo denúncias e conscientizando as crianças a não praticar a caça ilegal e ter mais fiscalização”</i> <i>“Acredito que fazendo denúncias e ensinando nas escolas que a caça é ruim para o meio ambiente”</i> <i>“Denunciando os caçadores porque muitos deles matam pra vender;</i> <i>“Com certeza é melhorar a fiscalização que é pouca na cidade e fazer palestras nas escolas e campanhas para as outras pessoas”</i>

Fonte: própria autora (2022).

A perspectiva que os alunos apresentaram, pode ser comparada com uma pesquisa de Diniz (2005) com estudantes do ensino médio que exibiram opiniões sobre as medidas de conservação de espécies da fauna, onde os alunos acreditavam que a fiscalização e a educação ambiental eram métodos eficientes para auxiliar na conservação e diminuição da extinção de espécies no interior paulista.

Nessa determinada questão, houve uma quantidade significativa de alunos que não responderam ou que não sabiam de medidas para auxiliar no declínio da caça. Nessa circunstância é ressaltada a importância de trabalhar educação ambiental na região, pois através desse ensino é abordado processos relacionados a preservação

de espécies ameaçadas e oferece para o ensino formal uma nova concepção da realidade, o que vai favorecer a conservação das espécies (GUIMARÃES, 2005).

A problemática da caça predatória da fauna silvestre é uma pauta fundamental de ser tratada não exclusivamente do ponto de vista ambiental, como também social, devido os danos realizados por tal prática, repercutirem de modo direto na qualidade de vida da população (PEREIRA, 2017).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade da pesquisa foi conhecer o entendimento e a convivência de alunos com a caça de animais silvestres no município de Uruçuí-PI, e ficou evidente que existe uma habitualidade com o comportamento de caça pelos discentes que participaram da pesquisa, sendo que a grande maioria já observou a caça na região e muitos até praticaram.

Os dados demonstram também que os animais preferencialmente caçados são os mamíferos, seguidos por aves e répteis que são abatidos na região por várias finalidades, mas principalmente para a alimentação e comercialização. Os alunos que já realizaram a caça apontaram que aprenderam suas habilidades com membros familiares e caçadores mais experientes, constatando a existência de aspectos culturais como uma influência para realização da prática.

Além disso, o estudo constatou uma falta de conhecimento relacionados a educação ambiental pelos alunos que não sabem dos riscos que a caça pode trazer à natureza e à saúde humana. Os alunos desconhecem também os riscos da ingestão da carne de caça e não sabem de que forma podem contribuir para o declínio da caça na região.

Dessa forma, se faz necessária a introdução da temática da caça ilegal de animais silvestres nos componentes curriculares das escolas na região, pois a caça é algo comum no meio da população e necessita ser trabalhada com os alunos para que possam entender as consequências causadas por tal prática.

Também se faz necessário a realização de mais estudos voltados a atividade de caça na região que possam ampliar o entendimento das motivações que ainda levam a população de Uruçuí a realizar essa prática.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. N.; MENDONÇA, L. E. T.; CONFESSOR, M. V. A.; VIEIRA, W. L. S.; LOPEZ, L. C. S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v. 5 n. 1p. 1-16, 2009.

BATISTA, Luiza Amélia Oliveira. **O tráfico de aves silvestres em Fortaleza: implicações bioéticas e vivências de compradores**. Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16779/1/2010_dis_laobatista.pdf>. Acesso em: 17 Jun. 2022.

BRANCO, Liliana Margarida Sengo. **A educação ambiental ao serviço da gestão cinegética: o caso da zona de caça municipal de Peredo dos Castelhanos e de Urros**. 2014. Tese de Doutorado. Instituto Politecnico de Braganca (Portugal).

CAJAIBA, R. L. *et al.* Animais silvestres utilizados como recurso alimentar em assentamentos rurais no município de Uruará, Pará, Brasil. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 34, p. 157-168, ago. 2015.

CANDELORO, Mariana Medeiros et al. USO ASSOCIADO DE TÉCNICAS GENOTÍPICAS E FENOTÍPICAS COMO PROVA NO SISTEMA LEGAL PARA COMBATER O ABATE ILEGAL DE TATU-GALINHA (*Dasypus novemcinctus*). **Biodiversidade**, v. 20, n. 1, 2021.

DA COSTA OLIVEIRA, Thiago Lopes. Interfaces híbridas: armas e armadilhas de caça e pesca no alto rio Negro. **Iluminuras**, v. 17, n. 42, 2016.

DE FIGUEIREDO, Rodrigo Augusto Alves; BARROS, Flávio Bezerra. Sabedorias, cosmologias e estratégias de caçadores numa unidade de conservação da Amazônia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 36, 2016.

DE LIMA, Jaciara Raquel Barbosa; DOS SANTOS, Carlos Alberto Batista. Recursos Animais Utilizados Na Medicina Tradicional dos Índios Pankararu no Nordeste do Estado de Pernambuco, Brasil. **Etnobiologia**, v. 8, n. 1, p. 39-50, 2010.

DINIZ, Edna Maria; TOMAZELLO, Maria Guiomar Carneiro. Crenças e concepções de alunos do ensino médio sobre biodiversidade: um estudo de caso. **Assoc Bras Pesqui Educ Ciências**, v. 5, p. 1-12, 2005.

ERNST, D. C.; WOLFF, A. D.; KAUFFMANN, L.; SOARES, L. G.; OLIVEIRA, A. C. H. A intervenção pedagógica como possibilidade metodológica para a educação ambiental em espaços não formais - prevenção do consumo de carne de caça. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n.12, p.97610-97618 dec. 2020

FERREIRA, Dayse Swélen Silva; CAMPOS, Carlos Eduardo Costa; ARAUJO, Andrea Soares. Aspectos da atividade de caça no Assentamento Rural Nova Canaã, município de Porto Grande, estado do Amapá. **Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)**, v. 2, n. 1, p. 22-31, 2012.

FERREIRA, Greycikemilly Kayçainny Teodoro. ASPECTOS LEGAIS E AMBIENTAIS DA COMERCIALIZAÇÃO ILEGAL DE ANIMAIS SILVESTRES NO BRASIL. 2020

FERNANDES-FERREIRA, Hugo. **A caça no Brasil: panorama histórico e atual**, 2014 Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8221>>. Acesso em: 19 mai. 2022.

FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G.; FARIAS, S. H.; FONTELLES, R. G. S. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/webby/up/150/o/Anexo_C8_NONAME.pdf>. Acesso em: 16, out. 2022.

GONÇALVES, M. S. T.; REGALADO, L. B. A relação entre o homem e o animal silvestre como uma questão de educação ambiental. Fórum Ambiental da Alta Paulista, **Revista eletrônica**, Vol. III, ano 2007.

HOSS, M. e CATEN, C. S. Processo de Validação Interna de um Questionário em uma Survey Research Sobre ISO 9001:2000. **Produto & Produção**, v. 11, n. 2, pp. 104-119, 2010.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. In LAYRARGUES, Pommier Philippe (org). **Identidades da Educação ambiental Brasileira Ministério do Meio Ambiente**. Diretoria da educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004. p.155 cap.3, 25-34, 2005.

ISLAS, C. A.; BEHLING, G. M. Problematizando a temática do tráfico de animais silvestres e do cativeiro ilegal na sala de aula: perspectivas da educação ambiental na percepção de professores da educação básica. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, n.1, 2016.

LINDSEY, P.; *et al.* Illegal hunting and the bush-meat trade in savanna Africa: drivers, impacts and solutions to address the problem. Panthera Zoological Society of London/Wildlife **Conservation Society report**, p.79, New York, 2015.

MAGNUSSON, W. E.; ISHIKAWA, W. E.; LIMA, N. K.; DIAS, A. P.; COSTA, D. V.; HOLANDA, F. M.; Dos SANTOS, G. G. A.; De FREITAS, M. A.; RODRIGUES, D. de J.; PEZZINI, F. F.; BARRETO, M. R., BACCARO, F. B.; EMILIO, T.; VARGAS-ISLA, R. **A linha de véu: A biodiversidade brasileira desconhecida**. Parcerias Estratégicas, 21(42), 45-60. 2016.

MAMÉDIO, D.; PUGAS, S. A.; MENDEZ, D. M. J. Estudo da percepção ambiental como ferramenta de sensibilização à redução da caça de animais silvestres na Reserva Florestal Mata de Cazuzinha, Cruz das Almas-BA. Universidade Federal de Santa Maria **Ci. e nat.**, Santa Maria, V. 41, e39, 2019.

Meinerz, C. B. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação & Amp; Realidade**, v. 36, n. 2, 2011.

MENDES, F.L.S. Apreensão de aves silvestres brasileiras que foram exportadas ilegalmente para Portugal. **Revista Brasileira de Zoociências**, Brasil, v. 1, n.19, p.56-66, 2018.

MENDES, Fabrício Lemos de Siqueira. Comercialização ilegal de carne de animais silvestres em feiras livres de algumas cidades do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista colombiana de ciencia animal recia**, v. 12, n. 2, p. 22-32, 2020.

MORAES, Thamiris Pereira; TIMM, Cláudio Dias. Importância dos animais silvestres como potenciais carreadores de patógenos alimentares. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v. 13, n. 2, p. 143-151, 2019.

OLIVEIRA, E. S.; TORRES, D. F.; ALVES, R. R. N. **Consumo e comércio de vertebrados silvestres em uma área do semiárido no Nordeste do Brasil**. EDUARDO SILVA DE OLIVEIRA, p. 16, 2019.

PALMA, Ivone Rodrigues. Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental. 2005. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7708/000554402.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26, mai. 2022.

PEREIRA, Jessica Alves; SILVA, Fabricio Pereira; SABIONI, Sayonara Cotrim. **Caça predatória: um estudo sobre as percepções dos alunos das escolas públicas de Uruçuca/BA**. 2017. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/210705264.pdf>>. Acesso em: 04, Jun. 2022.

PESSOA, T. S., WAGNER, P. G. C., LANGGUTH, A. Captura e comercialização de animais silvestres no semiárido da Paraíba, Brasil, sob a perspectiva de crianças e adolescentes. **Revista Nordestina de Biologia**, 21 (2): 79-100, 2014.

RODRIGO AUGUSTO ALVES DE FIGUEIREDO; FLÁVIO BEZERRA BARROS. “A comida que vem da mata”: conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na reserva extrativista Ipaú-Anilzinho. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 193-212, abr./jun. 2015.

SANTOS, D. M.; TEIXEIRA, M. C.; MENDEZ, J. M. D; PUGAS AS. Tipologias biofílicas na percepção sobre a caça em uma comunidade rural do recôncavo da Bahia: subsídios à Educação Ambiental para conservação da biodiversidade. **RevBEA**. 2015;10(2):25-35.

SANTOS, Micaele Karolaine Pereira dos et al. **A caça e o tráfico de animais silvestres: estratégias para a gestão de políticas públicas na caatinga**. 2017.

SAMPAIO, D. T. A caça ilegal de animais silvestres na Mata Atlântica, Baixada Litorânea do estado do Rio de Janeiro, Brasil: eficiência de proteção de reservas biológicas e triangulação do perfil da caça. **Bibl. Cent. Biociências e Biotecnol. da Univ. Estadual do Norte Flum. Darcy Ribeiro**, v. 440, p. 193, 2011.

SOUTO, W. M. S. **Atividades cinegéticas, usos locais e tradicionais da fauna por povos do semiárido paraibano (Bioma Caatinga)**. Tese de doutorado. Programa de PósGraduação em Ciências Biológicas (PPGCB). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

SOUTO, Wedson Medeiros Silva et al. Breve revisão sobre uso de fauna medicinal no Brasil: aspectos históricos, farmacológicos e conservacionistas. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, v. 11, n. 2, p. 201-210, 2011.